

## Interseccionalidade na roda: mestras negras de capoeira e a construção de estratégias antirracistas

### RESUMO:

O artigo buscou analisar estudos acerca das mestras negras de capoeira, com ênfase na construção de estratégias antirracistas. Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, do tipo bibliográfica, caracterizada como revisão de literatura narrativa. Foram analisados oito estudos científicos sobre a temática em questão. As pesquisas evidenciam que as trajetórias e os processos formativos das mestras são atravessados por múltiplos marcadores sociais da diferença, os quais impactam seus processos de permanência, reconhecimento e atuação. As mestras negras desenvolvem estratégias antirracistas e antissexistas que tensionam hierarquias históricas, reconfiguram espaços de poder e legitimidade e afirmam práticas de resistência, cuidado e transformação social no interior da capoeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Capoeira; Gênero; Raça

**Ábia Lima de França**

Doutora em Educação e Contemporaneidade  
Universidade do Estado da Bahia,  
Salvador, BA, Brasil  
abia@ufba.br  
<https://orcid.org/0000-0002-3087-0731>

**Letícia de Oliveira Menezes**

Doutorado em Educação e Contemporaneidade  
(em andamento)  
Universidade do Estado da Bahia,  
Salvador, BA, Brasil  
[leticia.menezes979@gmail.com](mailto:leticia.menezes979@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-3467-2230>

## **Intersectionality in the Circle: black women capoeira masters and the construction of anti-racist strategies**

### **ABSTRACT**

This article sought to analyze studies concerning Black women capoeira masters, with an emphasis on the construction of anti-racist strategies. This is an exploratory, qualitative, bibliographic study, characterized as a narrative literature review. Eight scientific studies on the topic were analyzed. The findings reveal that the trajectories and educational processes of these women masters are shaped by multiple social markers of difference, which affect their processes of permanence, recognition, and professional practice. Black women capoeira masters develop anti-racist and anti-sexist strategies that challenge historical hierarchies, reconfigure spaces of power and legitimacy, and affirm practices of resistance, care, and social transformation within capoeira.

**KEYWORDS:** Capoeira; Gender; Race

## **Interseccionalidad en la Rueda: maestras negras de capoeira y la construcción de estrategias antirracistas**

### **RESUMEN**

El artículo buscó analizar estudios sobre las maestras negras de capoeira, con énfasis en la construcción de estrategias antirracistas. Se trata de una investigación exploratoria, de naturaleza cualitativa, de tipo bibliográfico, caracterizada como una revisión narrativa de la literatura. Se analizaron ocho estudios científicos sobre la temática en cuestión. Las investigaciones evidencian que las trayectorias y los procesos formativos de las maestras están atravesados por múltiples marcadores sociales de diferencia, los cuales impactan sus procesos de permanencia, reconocimiento y actuación. Las maestras negras desarrollan estrategias antirracistas y antisexistas que tensionan jerarquías históricas, reconfiguran espacios de poder y legitimidad, y afirman prácticas de resistencia, cuidado y transformación social dentro de la capoeira.

**PALABRAS-CLAVE:** Capoeira; Género; Raza

## INTRODUÇÃO

A capoeira convoca aos seus jogadores e suas jogadoras o olhar atento e corpo presente para a compreensão integral de sua ritualização e significações. O cruzamento entre os movimentos, a bateria tocando e cantando, as mensagens, as brincadeiras e os entendimentos subjetivos se fazem presentes na roda. Desse modo, este registro escrito se propõe a entrar na roda epistemológica com duas capoeiristas: uma da capoeira contemporânea e uma angoleira, ambas pesquisadoras no assunto. Enquanto os movimentos ancestrais acontecem, nos propomos a observar, de corpo inteiro e ginga, as produções pedagógicas antirracistas propostas por mestras negras da capoeira.

No toque inicial do berimbau, Mestre Janja (Janja Araújo, 2019) canta a ladainha<sup>1</sup> histórica de que, no Brasil, a capoeira emerge de um contexto de diáspora africana, estando intrinsecamente vinculado às narrativas de luta do povo negro. Dessa forma, partimos o nosso “jogo” de escrita concordando sobre a importância da capoeira como prática ancestral de sobrevivência e, consequentemente, trazendo processos educativos em suas práticas, desde o seu princípio.

Na mandinga das reflexões, é interessante considerar as assimetrias relacionadas a gênero, raça e diversidade sexual que atravessam a constituição da capoeira. Para aprofundar este debate, é fundamental compreender o conceito de interseccionalidade, que, de acordo com Kimberlé Crenshaw (2002, p. 177), “[...] trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”. Desta maneira, como exposto por Carla Akotirene (2019) a interseccionalidade será utilizada como aparato teórico-metodológico para as elaborações do texto, buscando compreender como essas múltiplas dimensões de poder se manifestam nas trajetórias das mestras negras de capoeira.

Para Mestre Jararaca (Letícia Menezes, 2024, p.70), ser mestra na capoeira é uma condição construída ao longo do tempo, na vivência da roda e na relação com os mais velhos. Mais do que o domínio técnico, envolve a incorporação de saberes, experiências e responsabilidades adquiridos no percurso formativo. Diante desse contexto, surge nossa pergunta investigativa: De que maneira estudos abordam sobre as mestras negras de capoeira e contribuem para compreender suas práticas como estratégias antirracistas? Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar estudos sobre as mestras negras de capoeira, com ênfase na construção de estratégias antirracistas.

---

<sup>1</sup> “As ladainhas são as partes mais longas da música na capoeira. Elas possuem diversas funções, que podem ser um aviso para quem está jogando, uma história contada ou uma oração. Portanto, a ladainha transmite conhecimento” (Rodrigo Garcia; Viviane Weschenfelder, 2026, p.105).

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, configurando-se como um estudo bibliográfico, por ser desenvolvida a partir de material já elaborado (Antônio Gil, 2002), assumindo, especificamente, o formato de revisão de literatura narrativa. O levantamento das informações seguiu os procedimentos sugeridos por Creswell (2007). Inicialmente, utilizamos os descritores “mestra”, “capoeira”, “negra”, “gênero” e/ou “raça”, de forma isolada e combinada, nas bases Google Acadêmico e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), sem delimitação temporal. Desse modo, o *corpus* amostral de pesquisa foi constituído por um conjunto de produções acadêmicas pertinentes ao assunto, totalizando oito (Raquel Dantas, 2020; Ábia França, 2021; Darlene Costa, Livia Pasqua, 2023; Edilson Nascimento, Celso Brito, 2023; Sandy Nascimento, Jane Soares, 2023; Erica Amaral, 2023, 2024; Letícia Menezes, 2024), posteriormente submetidas à análise do conteúdo<sup>2</sup>.

## DISPOSITIVO DE RACIALIDADE NAS TRAJETÓRIAS E NAS FORMAÇÕES DAS MESTRAS

O conceito de “dispositivo de racialidade”, formulado por Sueli Carneiro (2023), entra na “boca da roda” para explicitar que existe uma estrutura de conjuntos de mecanismos de poder que interferem na subjetivação das pessoas negras. Esse conceito nos ajuda a perceber que a construção hierárquica sobre raça, no Brasil, transborda para todas as relações e estruturas formativas das pessoas negras. Tal perspectiva possibilita compreender os mecanismos simbólicos, institucionais e sociais que incidem diretamente sobre os percursos formativos e as atuações dessas mulheres no interior da capoeira.

As trajetórias das mestras negras evidenciam a atuação do dispositivo da racialidade na produção de desigualdades que atravessam suas condições materiais de existência e seus processos de subjetivação. A pobreza emerge como elemento recorrente em suas histórias, revelando os efeitos históricos da exclusão racial sobre o acesso a recursos, oportunidades e reconhecimento social. Paralelamente, às experiências de racismo vividas desde a infância incidem sobre a construção da autoestima, da imagem corporal e dos sentidos de pertencimento, produzindo marcas

---

<sup>2</sup> Declara-se que este artigo contou com o suporte de Inteligência Artificial Generativa (modelo ChatGPT 5.5) como ferramenta auxiliar no processo de aprimoramento e revisão textual.

que acompanham essas mulheres ao longo de suas trajetórias formativas e profissionais (Raquel Dantas, 2020; Darlene Costa, Livia Pasqua, 2023; Letícia Menezes, 2024).

Os relatos também evidenciam a incidência de representações que moldam os lugares socialmente atribuídos às mulheres negras. O arquétipo da mulher forte opera como tecnologia de regulação das subjetividades, sustentando expectativas de resistência permanente e influenciando as formas de reconhecimento, cuidado e afeto destinadas a essas mulheres. Nesse contexto, as mestras negras constituem referências fundamentais para a capoeira, ampliando a visibilidade de outras mulheres, fortalecendo processos de identificação e afirmando modos de existência que deslocam as hierarquias raciais e de gênero historicamente presentes nesse universo (Érica Amaral, 2003, 2024).

Além das questões raciais, o processo formativo das mestras é marcado por diversas formas de opressão de gênero. Em seus percursos na capoeira, elas enfrentam cobranças, negações e processos constantes de deslegitimação (Raquel Dantas, 2020), ao mesmo tempo em que precisam conciliar as múltiplas jornadas de trabalho e romper barreiras no cotidiano (Joacelmo Borges, Beleni Grando, 2022; Ábia França, 2021; Ábia França, Cesar Leiro, 2024).

As narrativas das mestras revelam que os caminhos da maestria são tecidos pelo tempo e pela aquisição de saberes, como destaca Mestre Jararaca (Letícia Menezes, 2024), e atravessados por dinâmicas de raça, gênero e classe que incidem sobre os processos de reconhecimento e legitimidade na capoeira. Nesse contexto, a maestria constitui-se como uma trajetória de formação, permanência e afirmação em espaços historicamente estruturados por relações desiguais de poder.

## **MULHERES NEGRAS DE CAPOEIRA E ESTRATÉGIAS ANTIRRACISTAS: contribuições a partir de uma perspectiva interseccional**

As estratégias antirracistas construídas por mestras negras de capoeira contribuem para a permanência e ampliação do protagonismo no interior da roda e fora dela. Nos depoimentos das mestras presente nos oito artigos investigados, observa-se a recorrência: a principal estratégia antirracista perpassa os próprios aprendizados da própria capoeira compreendida como um “golpe” de enfrentamento ao racismo e ao sexismo reproduzidos nos espaços de capoeiragem.

Nas gingas dialógicas de reflexões das Mestras Jararaca, Edna Lina, Cristina, Brisa do Mar, Têra, Janja e Darlene, é possível perceber que, diante de cada manifestação do dispositivo de racialidade acerca de sua permanência na capoeira, as encruzilhadas da interseccionalidade demonstram novas possibilidades de resistência e sobrevivência, ancoradas nos ensinamentos ancestrais e, intrinsecamente, antirracistas, da capoeira.

Nas reflexões de Mestre Cristina (Raquel Dantas, 2020, p.40), a capoeira é evidenciada

como uma estratégia de ampliação da vida. Em um período sensível da maternagem de seu filho Lucas, sua prática contribuiu para a preservação da saúde mental e para a construção de espaços de cuidado. Além disso, os saberes da capoeira converteram-se em fonte de sustento econômico em momentos de desemprego, por meio das aulas ministradas, bem como possibilitaram experiências de circulação internacional vinculadas ao trabalho desenvolvido na capoeiragem. Nessa perspectiva, a capoeira configura-se como um espaço de produção de autonomia, mobilidade e a ampliação de horizontes de existência para mulheres negras.

No contexto do Rio de Janeiro, a Mestre Darlene também desenvolveu iniciativas voltadas ao fortalecimento das mulheres e ao enfrentamento das desigualdades de gênero no interior da capoeira (Darlene Costa, Livia Pasqua, 2023). De modo semelhante, no estado do Piauí, a trajetória da Mestre Têra evidenciou iniciativas voltadas ao fortalecimento das mulheres e o compromisso social com a comunidade (Edilson Nascimento; Celso Brito, 2023).

O corpo ocupa um lugar central nas estratégias de sobrevivência construídas por mulheres negras na capoeira. Nele se inscrevem as marcas das violências históricas, mas também os saberes que sustentam a preservação e a continuidade da vida. Aprender a ginga, os movimentos e as filosofias da capoeira significa acessar conhecimentos ancestrais que fortalecem trajetórias individuais e coletivas. Nessa direção, Mestre Janja compreende a ginga como uma epistemologia feminista, uma metalinguagem capaz de expressar resistência, rebeldia e consciência crítica, mobilizando formas próprias de compreender e transformar o mundo (Érica Amaral, 2003, 2024). Como afirma a Mestre Janja, “quando se ginga sabemos como e por que exatamente estamos gingando” (Janja Araújo, 2022, p.40). Assim, o gingar das mestras evidencia não apenas estratégias de permanência na capoeira, mas também modos de reexistência que tensionam os sistemas de opressão nos espaços da capoeiragem.

Esses saberes também se materializam na construção de espaços de acolhimento, pertencimento e fortalecimento comunitário. A escolha do nome Nzinga para grupos de capoeira femininos evoca a memória de lideranças negras que seguem inspirando caminhos de luta e existência (Érica Amaral, 2003, 2024). Ao reunir mulheres em torno da roda, esses coletivos ampliam referências de representatividade, compartilham estratégias de sobrevivência e cultivam redes de cuidado que fortalecem a permanência de mulheres negras na capoeira e em outros espaços sociais.

A educação antirracista emerge como uma importante estratégia de enfrentamento ao racismo e de ressignificação das relações étnico-raciais no cotidiano formativo. Em uma situação vivenciada durante uma aula de capoeira no Morro da Providência, uma criança dirigiu à outra ofensas racistas relacionadas à cor da pele e ao cabelo. Diante do ocorrido, a Mestre Darlene

interrompeu a atividade planejada e transformou o conflito em momento educativo, promovendo reflexões sobre pertencimento racial, respeito às diferenças e valorização da identidade negra, convertendo a experiência de discriminação em oportunidade de aprendizado coletivo e fortalecimento identitário (Darlene Costa; Livia Pasqua, 2023). A centralidade da educação antirracista na infância também se repete nos discursos das Mestras Brisa do Mar, Edna Lima e Janja. Tais experiências demonstram que o combate às desigualdades não pode se restringir à denúncia, mas exige processos educativos permanentes capazes de transformar práticas, relações e subjetividades, especialmente desde a infância.

No enfrentamento ao sexismo, as mestras negras desenvolvem estratégias de autoproteção e resistência que lhes permitem permanecer e construir autoridade em espaços historicamente marcados por relações assimétricas de poder. A mãe da Mestre Edna Lima lhe ensinou desde pequena que não era para ela deixar ser tocada ainda mais contra a vontade dela, e isso ela preserva até hoje (Érica Amaral, 2003, 2024). Assim, a experiência de Mestre Edna Lima revela que estratégias antissextistas, para dar rasteiras nos assédios, que também se constroem na dimensão do cotidiano, por meio da preservação de si, da recusa ao assédio e da afirmação da própria agência como forma de resistência diante das violências de gênero.

Entre as estratégias construídas para a permanência das mulheres na capoeira, destaca-se a criação de espaços seguros e comprometidos com a educação para as relações de gênero. Nesse sentido, a Mestre Janja destaca a importância de formar homens capoeiristas para o compartilhamento das responsabilidades cotidianas, como limpar, organizar e zelar pelo espaço, não sendo favores masculinos e sim responsabilidades coletivas (Érica Amaral, 2003, 2024). Tal perspectiva evidencia que o enfrentamento às desigualdades requer processos educativos que tensionem os privilégios e promovam relações mais equitativas na capoeira.

Nessa mesma direção, a educação também emerge, no relato da Mestre Edna Lima, como estratégia de enfrentamento às violências, uma educação pautada na sensibilidade, na intuição e no respeito. Compreendendo, assim, que pequenos gestos, como um olhar atento, uma palavra de incentivo ou um abraço, podem ressignificar as experiências de vida, permitindo às crianças reconhecer que existem outras formas de relação, cuidado e existência (Érica Amaral, 2003, 2024).

A análise das trajetórias das mestras negras de capoeira evidencia que a permanência, o fortalecimento e o protagonismo das mulheres no interior da capoeira resultam da construção de estratégias educativas, políticas e coletivas de enfrentamento aos preconceitos e às diferentes formas de violência, forjadas no cotidiano de suas experiências e resistências. Tais estratégias materializam-se na criação de coletivos, movimentos de mobilização política e identitária, em práticas educativas antirracistas e antissextistas, em processos formativos voltadas às discussões de

gênero e raça, bem como ações de cuidado, autoproteção e fortalecimento das mulheres comprometidas com a justiça e a transformação das relações historicamente desiguais no âmbito da capoeira e para além dele.

## CONCLUSÕES

O estudo buscou analisar estudos acerca das mestras negras de capoeira, com ênfase na construção de estratégias antirracistas. A partir da análise das oito produções científicas identificadas, percebemos que as trajetórias das mestras negras de capoeira são atravessadas por múltiplos marcadores sociais da diferença, os quais operam de forma interligada na produção das desigualdades, mas também na constituição das resistências.

Os achados demonstram que a formação das mulheres negras são marcadas por inúmeros desafios, dentre eles o racismo estrutural, a pobreza, o sexismo, o machismo, a invisibilização de suas trajetórias, as dificuldades relacionadas à maternidade, além da ausência de reconhecimento de suas maestrias e atuações no interior da capoeira. Ao mesmo tempo, os resultados apontam que as mestras negras protagonizam importantes estratégias antirracistas e antissexistas no interior da capoeira. Destacam-se iniciativas educativas, políticas, culturais e comunitárias comprometidas com a formação crítica, o fortalecimento das mulheres, a valorização das ancestralidades afro-diaspóricas, a justiça e a equidade social, que colaboram para o enfrentamento das desigualdades e violências de gênero e raça.

Por fim, o estudo aponta a necessidade e a urgência de ampliar as investigações sobre as mestras negras de capoeira, considerando o baixo quantitativo de produção científica identificado sob uma perspectiva interseccional. Tal constatação reforça a importância de aprofundar pesquisas (artigos científicos, dissertações e teses) que articulem os marcadores sociais da diferença, de modo a ampliar a visibilidade dessas trajetórias, experiências e contribuições no interior da capoeira.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**: Feminismos plurais. São Paulo: Pólen, 2019.

AMARAL, Érica Pires do. Iê, é mandingueira, camará!: As mestras de Capoeira e os saberes construídos nos corpos das mulheres na pequena e na grande roda. **Dia-Logos: Revista Discente da Pós-Graduação em História**, v. 18, n. 1, p. 119-142, 2024. DOI: <https://orcid.org/0009-0002-0809-6601>.

AMARAL, Érica Pires do. **Quem vêm lá são elas**: memórias, saberes e (re) existências das mestras de capoeira na pequena e na grande roda. 2023. 159f. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) – Programa de Pós-Graduação Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

ARAÚJO, Janja. Mulheres negras e culturas tradicionais: memória e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 553-569, 2019.

ARAÚJO, Janja. Ginga: uma epistemologia feminista. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's World Congress (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

ARAÚJO, Janja. Chamada: quando as mulheres lutam pelo recomeço do jogo. In: FERREIRA, Elizia Cristina; SILVA, Renata de Lima; ARAÚJO, Janja. **Mulheres que gingam**: reflexões sobre as relações de gênero na capoeira. Editora Appris, 2022.

ARAÚJO, Rosângela Costa. Elas gingam. In: PIRES, Antônio Liberac Cardoso Simões; FIGUEIREDO, Franciane Simplício Figueiredo; MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade; MACHADO, Sara Abreu da Mata (Org.). **Capoeira em múltiplos olhares**: estudos e pesquisas em jogo. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço, 2016. p. 113-129.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COSTA, Darlene de Lima; PASQUA, Livia de Paula Machado. Golpe de mestra: conduta e práticas pedagógicas na capoeira. **Cadernos de Formação RBCE**, p. 46-56, 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro com especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, p. 171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>.

CRESWELL, John. W. **Projeto de Pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 248 p. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha.

DANTAS, Raquel Gonçalves. **Corpo-comunicação**: um estudo sobre a ginga feminista angoleira. 2020. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FRANÇA, Ábia Lima de. **Trajetórias formativas e registros biográficos de mestras de capoeira**. 2021. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021.

FRANÇA, Ábia Lima de; LEIRO, Augusto Cesar Rios. Capoeira e interseccionalidade: desafios nos percursos formativos de mestras no Brasil. **Corpoconsciência**, v. 28, e. 17889, p. 1-13, 2024. DOI: 10.51283/rc.28.e17889.

GARCIA, Rodrigo Santiago da Silva; WESCHENFELDER, Viviane Inês. Ladainhas de capoeira e ensino de História: narrativas potentes para uma educação das relações étnico-raciais. **Projeto História**, v. 85, p. 90-116, 2026. DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2026v85p90-116>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

MENEZES, Letícia; ARAÚJO, Janja. Eu vou dizer a dendê, tem homem e tem mulher: uma abordagem sobre as mulheres negras na capoeira angola soteropolitana. In: ARAÚJO, Janja; SILVA, Renata de Lima; FERREIRA, Elízia Cristina (org.). **Mulheres que gingam**: reflexões sobre as relações de gênero. Curitiba: Appris, 2022.

MENEZES, Letícia de Oliveira. O. Pode uma subalterna gingar? A epistemologia das mulheres pretas capoeiristas. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 20, n.225, p. 63-71, 2020. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/54027>.

MENEZES, Letícia de Oliveira. “**Esse quilombo é nosso**”: a memória ancestral no corpo de mulheres negras na capoeira angola. 147f. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

NASCIMENTO, Edilson; BRITO, Celso de. A capoeira teresinense no jogo político pela negritude: considerações sobre a lei nº 10.639/2003 e suas decorrências locais. **RESC-Revista de Estudos SocioCulturais**, v.3, n.1, p. 78-105, 2023. DOI: <https://doi.org/10.59776/2764-4405.2023.5268>.

NASCIMENTO, Sandy Swamy Silva do; SOARES, Jane. No jogo da ginga, Janja ginga: capoeirista enegrecendo o PPGNEIM. **Revista Feminismos**, v. 11, n. 2, p. 1-29, 2023. DOI: <https://doi.org/10.9771/rf.v11i2.56380>.

## NOTAS DE AUTOR

**AGRADECIMENTOS** - não se aplica

**CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA** - não se aplica

**FINANCIAMENTO** – não se aplica

**CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM** – não se aplica

**APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA** – não se aplica

### CONFLITO DE INTERESSES

A autoria entende não haver conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Motrivivência** - ISSN 2175-8042 os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution Non-Comercial ShareAlike](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) (CC BY-NC SA) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, desde que para fins **não comerciais**, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico desde que adotem a mesma licença, **compartilhar igual**. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste

periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico, desde que para fins **não comerciais e compartilhar com a mesma licença**.

#### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. LaboMídia - Laboratório e Observatório da Mídia Esportiva. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **EDITORES**

Mauricio Roberto da Silva, Giovani De Lorenzi Pires, Rogério Santos Pereira.

#### **EDITOR DE SEÇÃO**

Mauricio Roberto da Silva

#### **REVISÃO DO MANUSCRITO E METADADOS**

Giovani De Lorenzi Pires

#### **HISTÓRICO**

Recebido em: 14/06/2026

Aprovado em: 10/07/2026

Publicado em: 01/10/2026